

Catiuscha Demétrio da Silva Pitombo

catiuschapitombo@hotmail.com

Graduanda em Pedagogia (FADBA)

Raquel Pereira da Silva Santos

raquelsilva.aj@gmail.com

Formanda em Pedagogia (FADBA)

Sabrina Azevedo Silva Ribeiro

sabrina_as@hotmail.com.br

Graduanda em Pedagogia (FADBA)

Charlene Carneiro Quinto dos Santos

charllenequinto@gmail.com

Graduada em Pedagogia (UNEB); Pós-graduada em Psicopedagoga (FADBA); Docente universitária do curso de Pedagogia (FADBA); Coordenadora e docente do curso de pós-graduação em Psicopedagogia (FADBA); Tutora EAD (Pós-graduação - FADBA); Coordenadora do Núcleo de Atendimento Psicopedagógico da FADBA.

Faculdade Adventista da Bahia

BR 101, Km 197 – Caixa Postal 18 – Capoeiruçu - CEP: 44300-000 - Cachoeira, BA

Caderno de Educação e Cultura 2019
Especial

CONTRIBUIÇÕES DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I

RESUMO

A presente pesquisa intitulada: contribuições da família na aprendizagem escolar: um estudo de caso com alunos do 2º ano do ensino fundamental I buscou investigar como a família pode contribuir na aprendizagem escolar da criança, refletindo ainda sobre a influência da parceria família-escola na prevenção das dificuldades de aprendizagem, propondo também estratégias de intervenção para amenizar as possíveis dificuldades de aprendizagem consequentes da ausência do acompanhamento familiar na vida escolar da criança. Para tanto esteve ancorada nos estudos de Fernández (1990), Ferreiro e Teberosky (2007), Wadsworth (2003), Smith e Strick (2001), Scoz (2007), Fonseca (2004), Velasques (2004), Rabelo (1993), entre outros pesquisadores. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo utilizando como instrumentos para coleta de dados a entrevista semi-estruturada e questionário com questões abertas e fechadas. A análise dos dados foi orientada pelas seguintes categorias de análise: Acompanhamento da família na vida escolar e estímulos para a aprendizagem como mecanismo para minimizar as dificuldades de aprendizagem. Os resultados principais revelaram que a ausência de acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos pode desencadear dificuldades de aprendizagem, a começar pela dificuldade para realizar as atividades escolares e manifestação de comportamentos imaturos considerando os aspectos sócio-afetivo-cognitivos.

Palavras-chave:

Aprendizagem escolar. Família. Dificuldades de aprendizagem.

PITOMBO, Catiuscha Demétrio da Silva; SANTOS, Raquel Pereira da Silva; RIBEIRO, Sabrina Azevedo Silva; SANTOS, Charlene Carneiro Quinto dos. **Contribuições da família na aprendizagem escolar**: um estudo de caso com alunos de 2º ano do ensino fundamental I. Revista Formadores - Vivências e Estudos, Cachoeira - Bahia, v. 12, n. 1, p. 40 - 51, abr. 2019.

1. INTRODUÇÃO

A família, como primeiro grupo social da criança, tem influência direta no seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo contribuindo significativamente no processo de aprendizagem da criança. É no ambiente familiar que a criança encontra afeto, carinho, aprende princípios, valores, respeito, cultura e ética. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN Nº 9.394/96) enfatiza que, é dever do estado e da família, proporcionar a educação para suas crianças, e que os processos formativos educacionais também se desenvolvem na vida familiar, não apenas na escola. Sendo assim, a família é uma das variáveis mais importantes para os resultados do ensino, exercendo também o papel de potencializar a aprendizagem e combater as possíveis dificuldades de aprendizagem no percurso escolar.

Tendo em vista o papel da família no desempenho escolar das crianças, percebe-se que as diferentes formas de estrutura familiar têm influência direta no processo de aprendizagem da criança, por ser um momento em que ela está começando a conhecer e descobrir o mundo, considerando os pais como modelo. Quando se tem uma base familiar bem alicerçada e atuante junto à escola de maneira a acompanhar efetivamente o processo de educação da criança, há maiores e melhores resultados no desenvolvimento cognitivo da mesma, pelo fato de ser motivada em tudo o que deverão realizar. Dessa forma tanto o trabalho do professor será mais eficaz como o aprendizado da criança será mais significativo.

A escolha da temática justifica-se pela frequência de crianças com dificuldades de aprendizagem que por sua vez, não recebem acompanhamento efetivo da família em sua vida escolar. Objetiva-se aqui oportunizar reflexões aos pais e professores sobre as possíveis soluções para o combate desta realidade. Aos pais por serem os principais interessados nesse contexto, e para que entendam seu papel nesse processo, e aos professores por serem os que proporcionam a transmissão de conhecimentos, buscando de alguma forma compensar os déficits de aprendizagem que pode ser oriundos do contexto familiar e social da criança.

Vale ressaltar que as crianças quando ingressam na escola, podem apresentar dificuldades de adaptação consequente de conflitos e problemas vivenciados no ambiente familiar que por sua vez, impossibilitam um bom rendimento escolar. Diante desta realidade surgiram os seguintes questionamentos: como a família pode contribuir para a aprendizagem escolar da criança? E quais estratégias de intervenção podem ser utilizadas para fortalecer o acompanhamento da família na vida escolar da criança de maneira a contribuir com o seu aprendizado?

Acreditamos que diversos fatores contribuem para a ocorrência das dificuldades de aprendizagem, como exemplo os fatores biológicos, emocionais e sociais relacionados principalmente ao contexto familiar. As condições socioeconômicas desfavoráveis, a falta de afetividade, falta de estimulação para a aprendizagem, pobreza e miséria, inclusive a ausência de acompanhamento da família na vida escolar, podem causar diversos problemas, inclusive o de aprendizagem, impedindo o desenvolvimento cognitivo da criança.

Portanto a presente pesquisa buscou analisar como a família pode contribuir no desempenho

escolar da criança fazendo um recorte no ensino fundamental I, objetivando ainda identificar quais as possíveis dificuldades de aprendizagem consequentes da ausência ou insuficiente acompanhamento da família no processo de aprendizagem escolar, propondo também estratégias de intervenção que aproximem a família da vida escolar da criança.

Este estudo está organizado em dois construtos que são: O processo de aprendizagem da criança no ensino fundamental I, que discorre brevemente como acontece o processo de aprendizagem da criança na faixa etária correspondente à fase supracitada e a Família e aprendizagem escolar que apresenta reflexões sobre as contribuições da família para o desempenho escolar da criança.

A despeito de muitos estudos discorrerem sobre esta temática ainda são poucos, se considerarmos a importância do mesmo. Por esta razão, a relevância deste estudo incide, a priori em motivar estudos posteriores sobre o tema aqui proposto, bem como oportunizar reflexões sobre como acontece o processo de aprendizagem da criança, sinalizando as influências, em todo o processo, dos fatores de ordem afetivo-social, com ênfase nos que são provenientes do contexto familiar, como por exemplo, o acompanhamento efetivo na vida escolar pelos cuidadores das crianças.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Ao ingressar no Ensino Fundamental 1 a criança se depara com uma nova rotina e novas expectativas com relação ao seu desempenho escolar são esperadas. Neste período, geralmente em torno dos 7 a 11 anos, a criança vivencia etapas importantes em seu desenvolvimento, que por sua vez, consistirão na base para o seu desenvolvimento cognitivo até finalmente alcançar a fase adulta.

Segundo os estudos de Piaget apud Wadsworth (2003), neste período seu pensamento é caracterizado pelo estágio operacional concreto, ou seja, os seus processos mentais tornam-se lógicos, pois ocorre o desenvolvimento do pensamento lógico, que é aplicado a problemas reais. Quando a criança operacional concreta se encontra diante de uma divergência entre percepção e razão, ela toma decisões cognitivas e lógicas em vez de decisões que envolvem percepção. De acordo com Wadsworth (2003, p. 103 e 104) "A criança já não está mais limitada à percepção e, tipicamente, entre os 7 e 11 anos, torna-se capaz de resolver a maioria dos problemas cognitivos (como os problemas de conservação) que a criança do período pré-operacional não consegue". Sinaliza ainda que a criança operacional concreta passa a ser cada vez mais social e menos egocêntrica ao fazer uso da linguagem do que a pré-operacional. A fala é empregada com o fim básico de comunicação. Pela primeira vez, a criança torna-se um ser verdadeiramente social.

O pensamento da criança operacional concreta não é mais egocêntrico, pois neste período ela tem mais contato com a sociedade e desta forma consegue compreender que outras pessoas pensam

e tomam decisões diferentes da dela, se tornando livre do egocentrismo. O seu pensamento agora não é mais constituído pela centração e sim pela descentração, possibilitando soluções lógicas aos problemas concretos. Conforme Wadsworth (2003) as crianças deste estágio adquirem a capacidade de compreender as razões das mudanças ou transformações nos estados afetivos dos outros, quer dizer, da alegria à tristeza. Durante o período operacional concreto a criança já construiu a reversibilidade, tanto por inversão quanto por reciprocidade e ela também consegue resolver problemas de conservação dos números. Já do ponto de vista cognitivo, a ocorrência mais importante nesta época é a construção das operações concretas.

Smith e Strick (2001) destacam alguns marcos do desenvolvimento e aprendizagem da criança de 7 a 8 anos. A começar pela escrita, afirmam que o processo de aprendizagem se dá por meio de letras legíveis, com tamanho apropriado, entendendo que a escrita deve ser disposta, por exemplo, com margens, combinando as orações pequenas em parágrafos, melhoria da ortografia e expressão gramatical, compreensão do significado das palavras, etc. Nesse primeiro ciclo é esperado que o aluno tenha adquirido consciência fonológica, domínio do princípio alfabético e a fluência leitora da língua portuguesa. Fonseca (2004) e Valesques (2004) explicam que a leitura é resultado de um sistema complexo em que elementos cognitivos interagem, envolvendo diversos sistemas funcionais de ordem neurológica e psicologicamente integrados.

Esse processo de aquisição da leitura e escrita, nem sempre é fácil para a criança. Rabelo (1993) destaca que DAGL (Dificuldades de Aprendizagem Gerais da Leitura) tem origem em vários aspectos, intrínsecos e explícitos ao indivíduo. A leitura e a escrita pressupõem aptidões complicadas as quais exige que a criança opere em diversos níveis de representação, como por exemplo, nível motor. É compreendida a capacidade de efetuar correspondências entre fonemas e grafemas; a consciência sintática exige a habilidade de operar mentalmente sobre mecanismos responsáveis pela representação das palavras e a consciência fonológica que também pede a habilidade de manipular a linguagem falada, fonemas e palavras. A criança também faz o reconhecimento das palavras conseguindo atribuir seu significado, ativando a forma ortográfica das palavras e os seus processos motores.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), durante o percurso do desenvolvimento da escrita da criança, ela perpassa por alguns níveis. O primeiro é caracterizado por uma escrita que reproduz os traços básicos que ela identifica, esse nível também é chamado de pré-silábico, em que a criança faz uso de algumas hipóteses de escrita, ora faz desenhos ora faz os traçados como forma de copiar as letras para formar uma palavra. O segundo nível é marcado pela forma do grafismo de aproximar a escrita das letras. O terceiro demonstra a tentativa de atribuir um valor sonoro a cada uma das letras para escrever uma palavra, ou seja, cada letra representa uma sílaba, esse nível é chamado de hipótese silábica, começa a partir desse momento o entendimento de que a escrita representa partes sonoras da fala. O quarto nível é a passagem da hipótese silábica para a alfabética. O quinto e último nível é a escrita alfabética, momento esse em que a criança não tem mais problemas com a escrita, porém isso não quer dizer que ela não terá dificuldades com a ortografia.

Desde muito cedo as crianças estão em constante contato com a leitura, quando elas presenciam um adulto lendo um jornal, um livro e até mesmo os outdoors expostos na cidade. Elas conseguem

identificar quando alguém está lendo algo, e elas são completamente capazes de imitá-los fazendo que está lendo uma história, e faz os gestos e expressões para demonstrar que está interagindo com a leitura.

Considerando a aprendizagem como um processo complexo e multifatorial, carência afetiva, deficientes condições de higiene, pobreza, ambiente repressivo, ausência de estimulação para a aprendizagem, dentre outros fatores podem tornar-se entraves para que a aprendizagem aconteça de maneira satisfatória. Segundo Scoz (2007), o desenvolvimento cognitivo das crianças é inicialmente determinado por processos biológicos e guiado, subseqüentemente, por interações sociais com adultos, que iniciam e mediam, pelas interações sociais, o desenvolvimento das habilidades cognitivas.

Smith e Strick (2001) sinalizam que fatores biológicos também podem comprometer o aprendizado das crianças, como por exemplo, hemorragias cerebrais e tumores, doenças como encefalite e meningite, transtornos glandulares não tratados na primeira infância e hipoglicemia na primeira infância. Ainda segundo as referidas autoras, durante a gestação podem ocorrer alguns erros de desenvolvimento no cérebro da criança, bem como algum atraso na formação de algumas células. Esses eventos que perturbam o desenvolvimento pré-natal são responsáveis por muitas anormalidades. Durante períodos críticos de formação do cérebro, os erros podem ser causados por apenas algumas células, e quando isso ocorre, pode prejudicar as regiões frontais do cérebro, fazendo com que o mesmo não funcione de maneira eficiente, apresentando problemas de coordenação muscular, articulação, controle dos impulsos, planejamento, organização e manutenção da atenção.

Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais)¹ enfatizam também a relação entre as interações sociais e a aprendizagem. Sinalizam que a aprendizagem é um processo no qual o desenvolvimento pessoal e a aprendizagem da experiência humana culturalmente organizada, ou seja, socialmente produzida e historicamente acumulada, não se excluem nem se confundem, mas interagem. Daí onde há a importância das interações entre crianças e destas com outros experientes, dentre os quais professores e outros agentes educativos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) a educação tem como um dos objetivos fazer com que os alunos aprendam a administrar a palavra enunciada, bem como, a viver em grupo de maneira satisfatória e significativa. Dessa maneira são importantes as situações em que aprendam a dialogar, a entender o outro e colaborar, a procurar ajuda, aceitar críticas e expor opiniões, liderar situações que permitam sucesso em tarefa coletiva. É importante tomar conhecimento de procedimento dessa natureza e reconhece-la como forma de convívio escolar e social.

A aprendizagem está ligada à ação social, logo, é válido pensar que a aprendizagem e o desempenho escolar estão vinculados à relação família-escola, duas instituições que apesar de distintas, possuem objetivos complementares no processo de aprendizagem da criança.

FAMÍLIA E (DIFICULDADE DE) APRENDIZAGEM ESCOLAR

1. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** v. 1. Brasília: MEC, 2000.

A fase escolar de uma criança é um momento muito importante, e que precisa de atenção e acompanhamento da família. Ao chegarem à escola as crianças precisam aprender a conviver com outras crianças diferentes dela, como também conviver com as novas regras escolares, por isso segundo Guedes (2008), faz-se necessário que os pais ensinem seus filhos a serem disciplinados e que compreendam desde cedo que o mundo não gira em volta deles.

Segundo Scoz (2007) na perspectiva de alguns professores a falta de padrões e normas de comportamento e de contato com materiais gráficos, a falta de estímulo, as perdas e a pobreza familiares, são considerados fatores que comprometem o desempenho escolar dos alunos. Estas interferências nos remetem não só à noção de obstáculos que ocorrem no momento presente, impedindo que a aprendizagem se desenvolva, mas também às noções de causas psicológicas que ocorreram no seio familiar e que também poderão interferir na aprendizagem.

Uma das reclamações da escola, e o que em certa medida nos comunica a falta de comprometimento dos pais no desenvolvimento de aprendizagem dos filhos, é a ausência às reuniões escolares e até mesmo à escola. São muitos os pais que não comparecem, se quer uma vez, à reunião que a escola proporciona justamente como forma de interação com a família. É visível que crianças que os pais se fazem presente na escola e acompanham o desempenho destes, são mais confiantes, mais autônomas e que alcançam de forma satisfatória os conteúdos escolares. Por isso afirma Scoz (2007, p. 71):

Não há dúvida de que a influência familiar é decisiva na aprendizagem dos alunos. Os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva, que os impossibilita de obter recursos internos para lidar com situações adversas. Isso gera desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, sérios obstáculos à aprendizagem escolar.

Por muitas vezes, há falta de compreensão com relação à função da escola e da família para com a criança, isso causa alguns problemas tanto para ambas as partes como também para a criança. O que deveria ser um trabalho conjunto, complementar, passa a ser mais uma competição voltada à busca de responsáveis por alguns resultados e/ou comportamentos inesperados dessas crianças.

É muito importante que a escola e a família tenham de forma clara qual a sua função no processo de aprendizagem da criança. Na realidade o que temos visto, é que em meio às dificuldades e fracassos escolares das crianças, a escola culpa a família, por não acompanhar a vida escolar do filho, e a família por sua vez, culpa a escola, acreditando que estas não fizeram satisfatoriamente o seu trabalho. Se no lugar de procurar culpados, essas duas instâncias, buscassem trabalhar em parceria, os resultados seriam outros e os maiores beneficiados seriam as crianças. Ambas instituições, escola e família, são responsáveis na formação da criança e se mantivessem uma relação positiva seria possível perceber avanços no processo que implica o aprender. Entendemos que o melhor caminho não seria procurar culpados para a dificuldade de aprendizagem da criança, mas, priorizar o indivíduo, buscando, tanto a família quanto a escola, favorecer a aprendizagem dessas crianças.

As instituições, família e escola, pensam de forma diferente, portanto compartilham ações que possibilitam aprendizagem de uma mesma criança. Esse aspecto é demonstrado quando há cobrança dos pais em relação aos professores no que diz respeito aos resultados de seus filhos,

nesse caso podemos observar que os pais têm suas perspectivas sobre a função da escola, da mesma forma como está tem sobre as funções daquela. Para que tenha um bom relacionamento é necessário o interesse e a compreensão de ambas as partes.

Como conhecemos bem, são poucas as famílias que se dedicam a esse preparo com seus filhos, muito menos se preocupam com a vida escolar dos mesmos, pensam que ensinar é obrigação e papel apenas do (a) professor (a), esquecem que são eles os primeiros professores de seus filhos, e que devem estimulá-los a aprender de forma significativa, como diz Guedes (2008, p. 26) “é um estímulo muito grande para a criança em idade escolar perceber que os pais se interessam por seus estudos e estão cientes do que ela está vivenciando na escola.”.

Muitas crianças têm dificuldades de aprendizagem, por causa da ausência dos pais em sua vida escolar. Mas o que é dificuldade de aprendizagem? Podemos definir dificuldades de aprendizagem, como algo relacionado a fatores externos que de alguma forma interferem no processo da aprendizagem da criança. De acordo com Fernández (1990), existem dois fatores que contribuem para o fracasso escolar, o primeiro é externo ao ambiente familiar e ao indivíduo em si, esse afeta as condições cognitivas da criança, o segundo é interno ao ambiente familiar e ao indivíduo, ocorrendo apenas uma falta de adaptação da criança no ambiente escolar ou algo parecido.

Tendo em vista esses fatores, entendemos que a família deve combater essas dificuldades que a elas são atribuídas como responsáveis, devem elas buscar estratégias de acompanhamento e apoio de forma a promover aprendizagem significativa de seus filhos em conjunto com a escola. Muitas crianças se sentem desestimuladas em estudar, acham que não precisam ir à escola, às vezes os próprios pais passam essa forma de pensar para a criança, quando dão razão a elas ao reclamarem do (a) professor (a) por algo que não concordam. Os pais precisam tomar consciência de que são responsáveis pelo bom desenvolvimento das capacidades cognitivas de seus filhos dando todo o apoio para que eles alcancem a autonomia. Sendo assim sua atuação será de influência direta para que as dificuldades de aprendizagem sejam amenizadas. Fernández (1990, p. 97) afirma:

Sendo o aprender um possibilitador de autonomia, tanto para a criança como para o adulto, e sendo possível ser *atrapado* por desejos de ordem inconsciente, os sistemas familiares estruturados e estruturantes de indiferenciação são um terreno fértil para a gestação de sintomas na aprendizagem.

As crianças da educação infantil precisam do acompanhamento dos pais, no sentido de incentivarem em seus estudos, tanto com relação ao acompanhamento das atividades escolares e sua vida escolar, como no exemplo apresentado no ambiente familiar. Se os pais têm o hábito de ler, por exemplo, demonstrando de alguma forma aos seus filhos que é importante estudar, com toda certeza essa criança se sentirá motivada para os estudos.

Quando os pais estimulam seus filhos, estão trabalhando para que sejam bem-sucedidos diante dos desafios que vão surgir em sua vida. Já aquelas crianças que vêm de lares desordenados, sem amor, sem empatia, poderão vivenciar um futuro muito mais carregado de problemas. Talvez não encontrem prazer na escola e nem se interessem pelos estudos. (GUEDES, 2008, p.18).

Se os pais são desinteressados pela vida escolar de seus filhos, se não se comprometem com sua educação, não entendem que o lar é a primeira escola de suas crianças, a escola e a atuação do (a) professor (a) não tem plena eficácia, pois a essa ação deve haver o reforço no ambiente

familiar. O papel do professor quando não combinado a atuação da família proporciona déficits na aprendizagem dessas crianças. WHITE (2007, p. 69 – 70) sinaliza que “A obra de educação, instrução e disciplina da parte dos pais constitui a base de todas as outras. Os esforços dos melhores professores muitas vezes terão de produzir pouco resultado, se os pais deixam de desempenhar a sua parte com fidelidade”. Os pais têm um papel tão importante, por isso, precisam ter em mente que a eles são atribuídas as maiores responsabilidades quanto ao desenvolvimento cognitivo de seus filhos. Segundo Guedes (2008, p. 18) “cabe aos pais entenderem que a sua atuação é que vai fazer a diferença na vida desses pequenos.”. Sendo assim podemos concluir que dificuldades de aprendizagem poderão ocorrer em algum momento durante a vida escolar das crianças, entretanto a influência e a relação adequada transmitida pelo ambiente familiar poderá proporcionar o enfrentamento dessas barreiras e o transpor delas.

Escola e família desempenham papéis distintos. Um não substitui o outro, mas se complementam. Dentre as muitas funções que a escola tem, uma delas pode ser entendida como um meio de conduzir o indivíduo ao conhecimento desenvolvido pela sociedade durante o percurso da história da humanidade, como também de favorecer a vivência social dos mesmos. Portanto, a escola tem a função de prepara-los para a cidadania.

Já função da família é transmitir os valores adequados para o convívio na sociedade, ensinar princípios, comportamentos e atitudes, os quais são seguidos pela comunidade a qual estão inseridos. A família também tem a função de dar continuidade com o que a escola proporciona, possibilitando a aquisição dos conhecimentos transmitidos por esta.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa esteve ancorada na abordagem qualitativa, pois buscou investigar e analisar as opiniões dos indivíduos em questão. O tipo da pesquisa é estudo de caso, por se tratar da análise de uma situação da vida real, descrevendo o contexto da investigação e explicando a causa do assunto abordado. Devido à necessidade da familiaridade com o problema e a identificação dos fatores que contribuem para a ocorrência do fenômeno, trata-se de uma pesquisa de caráter explicativo.

O lócus da pesquisa foi uma escola da rede pública do ensino do município de Cachoeira-BA. A escola funciona nos turnos matutino e vespertino, oferecendo turmas do 1º ao 4º do Ensino Fundamental uma quantidade de 100 de alunos. O público alvo de nossa pesquisa foram os aprendizes do 2º ano do ensino fundamental I (no total de 14 alunos) e suas respectivas famílias e a professora da turma. Participaram 15 pessoas, destas, a professora e 14 são pais ou cuidadores das crianças.

O desenvolvimento da pesquisa se deu inicialmente com o estudo das bibliografias que abordam o tema proposto, para conhecer as contribuições teóricas existentes para o desenvolvimento

do trabalho e suas possíveis contribuições. Foram utilizados como instrumentos para coleta de dados, entrevista semi-estruturada com a professora da turma e questionário misto, ou seja, com questões abertas e fechadas, para os pais ou cuidadores das crianças. A seguir serão apresentados os dados da referida pesquisa devidamente analisados.

4. ANÁLISE DE DADOS

Os dados aqui apresentados foram colhidos a partir do questionário aplicado com os pais ou cuidadores das crianças. Foram utilizados dois critérios de análise: acompanhamento da vida escolar; e estímulos para a aprendizagem.

4.1 ACOMPANHAMENTO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DA CRIANÇA

Ao perguntar quantos pais frequentam a escola, 100% sinalizaram visitar com frequência à escola do filho, destes 54,5% conversam com a professora semanalmente, os demais afirmaram ter conversado com a mesma há cerca de um mês atrás.

Um percentual de 100% dos pais, sinalizaram que visualizam a agenda dos seus filhos com frequência, em contrapartida no que diz respeito ao conhecimento das últimas avaliações e notas dos filhos 71,40% apontaram não ter conhecimento.

Foi verificado também nas pesquisas, que 57,10% dos pais lembram de uma situação marcante que seus filhos vivenciaram na escola e 42,90% apresentaram respostas vagas, destes, a maioria apresentaram nas respostas que vibram com as conquistas de seus filhos.

Com relação à conferência e acompanhamento da tarefa de casa, verificamos que 100% dos pais afirmaram conferir se os filhos realizam as mesmas, destes 92,80% fazem esta conferência com frequência. Verificando o procedimento de realização do dever de casa junto às crianças, percebemos que 61,50% das respostas nos afirmam que a tarefa é realizada com a ajuda exclusiva dos pais e 30,70% é ora com os pais e ora com os irmãos.

Observamos certa divergência na resposta acima apresentada, pois ao mesmo tempo em que 92,80% afirmam conferir com assiduidade as tarefas de casa, apenas 61,50% realizam a tarefa com os filhos.

Referente à organização do material escolar das crianças, 100% dos pais ou cuidadores afirmam ensinar os filhos a organizar o material escolar, 78,50% confirmam que ajudam a organizá-los. Ao se tratar da situação destes materiais, 50% respondem que estão em boas condições e os demais apontam está limpo ou rasgado.

Ao perguntar se recordam qual foi a maior conquista do filho na escola, 100% sinalizam lembrarem.

Referente às queixas mais frequentes dos filhos sobre o ambiente escolar, aulas e/ou atividades, foi percebido que a maioria sinaliza questões referentes a aula, atividades e o ambiente escolar no geral.

Perguntou-se aos pais ou cuidadores, quais dificuldades são apresentadas pelos filhos, as respostas que obtivemos foram diversas, como: dificuldade na leitura, na escrita, coordenação motora, dificuldades para contar, calcular, esquece o que aprende, tem letra ilegível, falta de atenção e concentração. Percebemos na análise das respostas referente ao que as crianças conhecem que a maioria delas identificam as letras, dinheiro, os dias da semana, e metade delas conhecem os meses do ano e as horas.

Quando perguntamos quantos pais conhecem as preferências dos filhos relacionadas à vida escolar, 100% afirmaram saber o que os filhos mais gostam na escola, 92,8% o que mais gostam de estudar, e 100% o que não gostam de estudar. Sobre o método de ensino escolhido pela escola, 57,1% afirmam que conhecem, porém 42,8% conseguem dizer qual é.

4.2 ESTÍMULOS PARA A APRENDIZAGEM OFERECIDO PELOS CUIDADORES

Na questão referente aos estímulos para a aprendizagem, 71,4% dos pais responderam que não estimulam seus filhos com recursos de jogos educativos, por exemplo, e 28,6% responderam que estimulam adquirindo materiais pedagógicos para uso em casa.

Quanto à leitura de histórias para os filhos, 71,4% informaram que realizam a leitura com frequência e 28,6% responderam que nunca realizam esse tipo de atividade com seus filhos.

Quando interrogados sobre o diálogo com o filho sobre as expectativas quanto ao futuro relacionando com os estudos, 71,4% pais responderam que frequentemente conversam com seus filhos sobre esse assunto e apenas 28,6% responderam que conversam mas não frequentemente. Em linhas gerais a maioria dos pais afirmaram incentivar os filhos para o estudo por meio do diálogo e oferecendo recursos que estimulam a aprendizagem.

5. (IN) CONCLUSÕES FINAIS

Como aponta Scoz (2007), a influência familiar é um fator determinante para a aprendizagem da criança, quando os pais são ausentes, a criança tende a se sentir desvalorizada, esse sentimento a impossibilita de passar de forma tranquila por situações de conflitos, por se sentir insegura, desconfiada e desinteressada por isso ocorre dificuldades de aprendizagem.

A presente pesquisa teve como objetivo verificar e analisar como a família pode contribuir no desempenho escolar da criança. Foi possível confirmar que diversos fatores colaboram para a ocorrência das dificuldades de aprendizagem, sejam de ordem biológica, emocional e/ou social, relacionados também ao contexto familiar. As condições socioeconômicas desfavoráveis, a falta de afetividade, falta de estimulação, entre outros fatores podem causar entraves no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Através da análise dos dados coletados e aqui apresentados é possível perceber que é de grande importância a participação e acompanhamento dos pais na vida escolar de seus filhos, permitindo que de fato ocorra a parceria escola-família essencial para a formação intelectual e pessoal das crianças.

Vale destacar que as crianças cujos pais frequentam a escola regularmente, dialogam com a professora, verificam e acompanham as tarefas de casa, visualizam a agenda e procuram meios para estimular sua aprendizagem, são aquelas que apresentam melhor desempenho, dominam melhor os conteúdos propostos em sala de aula e demonstram serem mais seguras tanto emocionalmente quanto socialmente.

Em contrapartida, foi possível perceber também situações opostas ao exemplo mencionado acima. Crianças cujos pais não acompanham de maneira efetiva a vida escolar, que não acompanham as tarefas de casa, não tem conhecimento de situações importantes relacionadas ao estudo, não adquirem materiais educativos, nem demonstram qualquer tipo de incentivo escolar, apresentam como resultado dificuldades de aprendizagem, não conseguindo realizar as atividades propostas pela professora em sala de aula e manifestando comportamentos imaturos considerando os aspectos sócio-afetivo-cognitivos.

Diante desta realidade sugere-se, como proposta de intervenção pedagógica, encontros de pais com palestras envolvendo profissionais, a saber, psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, entre outros, a fim de possibilitar a reflexão dos pais no cumprimento de seu papel como mediador entre a escola e seu filho.

O professor também pode sugerir atividades com conteúdo escolares que sejam realizados com o apoio dos pais, por exemplo: a produção de um memorial com a história de vida da criança (possibilitando a aproximação entre pais e filhos), assistir filmes, realizar campeonatos entre pais e filhos no ambiente escolar, montar maquetes, produzir cartazes, dentre outros. O professor pode ainda criar uma escala de participação dos pais nas aulas, convidando-os a assisti-las junto com seu filho, assumindo também a postura de aluno. Todas essas ações visam promover o estreitamento da relação entre a família e a escola andando de mãos dadas no desenvolvimento da criança.

Portanto, retoma-se a hipótese inicial que induziu a construção da presente pesquisa, apresentando as respostas encontradas, confirmando que a família desempenha uma importante contribuição na vida escolar da criança, reiterando também que é real a possibilidade do surgimento de dificuldades de aprendizagem, por sua vez consequentes da ausência do acompanhamento da família na vida escolar da criança. Acreditamos que as reflexões aqui apresentadas, traz colaborações pertinentes sobre a dinâmica do aprender nos espaços família e escola. Por esta razão, encerramos este tópico nomeando-o de (in) conclusão por acreditar que a presente

pesquisa pode ser apenas um alicerce do que ainda pode ser discutido, investigado e teorizado sobre o assunto. Insinuamos a continuidade de novas pesquisas e olhares sobre esta questão, dada a frequência com que este fenômeno se apresenta, considerando também que como seres em formação estamos constantemente propensos a descobrir, aprimorar ou transformar conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BIANCHINI, Luciane Guimarães Batistella et al. **Psicopedagogia: reflexões sobre família e escola**. Curitiba: CRV, 2015.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FONSECA, Vitor. **Dificuldades de Aprendizagem: Abordagem Neuropsicológica e Psicopedagógica ao Insucesso Escolar**. Lisboa: Âncora, 2004.

GUEDES, Meibel Mello. **Quem ama ensina**. 2. Ed. Curitiba: M.M. Guedes & CIA. LTDA. ME, 2008.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretária de Educação Fundamental. 2. Ed. Brasília: DP&A, 2000.

REBELO, José Augusto Silva. **Dificuldades da Leitura e da Escrita em Alunos do Ensino Básico**. Porto: Edições Asa, 1993.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. 14. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

VELASQUEZ, Maria Gabriela. **Teoria e Prática do Ensino da Leitura**. In Lopes J., Velasquez, M.G., Fernandes, P.P. & Bártolo, V. N. *Aprendizagem, Ensino e Dificuldades da Leitura*. 1. Coimbra, Quarteto, 2004.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. Tradução de Esméria Rovai. 5. Ed. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.

WHITE, Ellen G. **Fundamentos da educação cristã: instruções para o lar, a escola e a igreja**. 2. Ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.